

Oito milhões estão com "barriga d'água" 4.5

ENDEMIAS CONTINUAÇÃO

Inacinho — tem nove anos, mas ninguém lhe daria quatro. Como os outros, parece transparente, a côr esverdeada, magro e pequeno. Curadas da pneumonia, as crianças continuam doentes; exames vários revelam que têm amarelão no último grau. São internadas de nôvo e a mãe aparece. Conta que o Inacinho está há três anos no primeiro ano do grupo mas não consegue aprender nada, por isso nem vai pôr os outros na escola:

— Num dianta, cabeça muito dura...

Mas conta que o pai gosta de pinga, e até já acostumou o Inacinho a beber também. E o menino reclama quando falta. Os médicos discutem o caso e resolvem: comida boa neles, não precisa nem transfusão.

Um mês depois os três irmãozinhos estão novos. Vindos da região de Sorocaba, com o sotaque do interior, ficaram populares na enfermaria, todos gostaram deles. No dia da saída, a enfermeira-chefe comenta com o plantonista:

— É um pecado. Não dou um ano e os três estão entrando de nôvo no Pronto Socorro. Vão voltar agora para o ninho da doença.

As verminoses assolam o Brasil de ponta a ponta. Através de um inquérito realizado entre 400 mil escolares, chegou-se a essa estimativa: temos 50 milhões de pessoas atacadas de lombriga; 25 milhões de amarelão (ancilostomose); 10 milhões de outras verminoses, inclusive uma que só dá no Rio Grande do Sul.

A soma é maior do que a população do país, e isso se explica porque uma pessoa pode ter — e geralmente tem — mais de um parasita. A gravidade do ataque depende da idade, da alimentação e da carga de vermes. Muita gente acredita que a verminose não faz tanto mal assim ao organismo humano, mas um pesquisador inglês que trabalhou em São Paulo — dr. Smillie — dá números impressionantes sôbre a ação de uma delas, o amarelão. Diz, por exemplo, que a carga de *ancilóstomos* no intestino de cada um pode ser *moderada* ou *grave*. É moderada quando o número de bichinhos vai de 100 a 500; é grave de 500 para cima. E a média na zona rural brasileira fica entre 500 a mil. As conseqüências do amarelão, segundo Smillie, são estas:

a) carga moderada, leve entorpecimento mental;

b) carga elevada, grave deficiência mental.

— Entre os escolares — escreve Mário Pinoti, ex-ministro da Saúde — o entorpecimento mental é nítido, a aprendizagem difícil.

O ancilóstomo alimenta-se do oxigênio contido no sangue humano. Com os seus dentes — o bicho tem três pares de dentes — dilacera o intestino e produz hemorragia constante. O amarelão faz baixar de 80 a 20% a taxa de hemoglobina do sangue, e a conseqüência vai ser uma deficiente irrigação cere-

bral, daí o entorpecimento mental. O sangue, assim roubado, recompõe-se artificialmente, através da adição de líquidos menos nobres do corpo humano, e vai ficando ralo. O doente fica pálido, sua resistência diminui, e êle fica exposto a qualquer outra doença. Vai morrer até de gripe.

Estudando a hemorragia provocada no organismo pelo ancilóstomo, o cientista inglês Stoll calculou o quanto de sangue se perde por ano no mundo inteiro. Transpondo seus cálculos para o Brasil, onde há 25 milhões de pessoas atacadas, temos que o sangue destruído pela ação dêsse parasita equivale à sangria de 75 mil brasileiros, todo ano.

— Isso é ou não é uma guerra civil oculta? — pergunta o escritor Franklin de Oliveira.

O professor Pessoa foi convidado, este ano, para organizar o Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Londrina, coisa que êle já fez em várias universidades do país. Em

1961, estava dando um curso na Universidade de Santa Catarina. Nos intervalos das aulas, e para não perder o hábito, fazia um inquérito sôbre doenças de massa nos arredores de Florianópolis. Um de seus alunos contou então que na fazenda onde morava havia um menino de 12 anos que apresentava evidentes sinais de parasitose e êle estava interessado em saber o que é que o menino tinha. O professor recomendou-lhe que fôsse à fazenda, levasse a competente latinha e trouxesse o material para exame. O rapaz foi num dia, voltou muito tarde e o material ficou para ser examinado no dia seguinte. Muito interessado no caso, ficou espiando quando o professor ajeitava a lâmina no microscópio. Mal a focalizou no aparelho, o professor gritou para o aluno:

— Corre, rapaz, corre, vamos a jato para essa fazenda. O menino está com tamanha carga de vermes que precisa urgentemente de uma transfusão de sangue.

O estudante conseguiu um jipe e lá foram os dois em busca do menino. Mas chegaram tarde. Meia hora antes o garoto tinha morrido de nó nas tripas, segundo a informação de sua mãe.

Nessa mesma época, ainda em Florianópolis, Pessoa estava no ponto esperando ônibus e aproximou-se dêle uma mulher com uma criança no colo. Uma rápida olhada para a criança e o professor logo viu:

— Dona, o bebê está passando mal. Será que a senhora não percebe? Vamos depressa para um pronto-socorro. Me dá a criança pra gente ir mais rápido.

Também não deu tempo. A criança morreu sufocada — por lombrigas!

Fazendo um balanço: o Brasil tem oito milhões de pessoas atacadas de esquistossomose; cinco milhões de mal de Chagas; 600 mil de boubá; meio milhão de malária e de tuberculose; e apenas cinco milhões de seus 80 milhões de habitantes não carregam no organismo uma ou mais espécies de parasita.

— Então, dr. Pessoa, existe algum remédio que sirva para essas doenças tôdas?

O velhinho prefere contar um caso. Quando o seu Departamento de Parasitologia estava em organização, apareceu por lá, trazido por um funcionário, um cachorro pestilento, magro e barrigudo, um poço de doenças. Exames de sangue revelaram que o animal tinha quase tôdas as parasitoses existentes no Brasil, até mesmo o mal de Chagas. Foi então escolhido para teste de um remédio nôvo, no qual todos punham muita esperança. Como não havia no momento dose suficiente, o vira-lata foi colocado numa gaiola, e deixado lá em paz, até que chegasse o medicamento. Para evitar que morresse, recebia comida boa, várias vêzes por dia.

— Sabe o que aconteceu? O cachorro sarou de tudo antes de chegar o remédio...

FIM

MINISTRO: UMA GUERRA

Para o ministro da Saúde, dr. Leonel Miranda, a situação sanitária do país está merecendo uma **declaração de guerra**. Sem serem insignificantes, os recursos do Ministério são insuficientes, daí por que estabeleceu um plano de metas prioritárias, com duas frentes principais: varíola e malária.

No caso da varíola, o Ministério da Saúde conta poder vacinar tôda a população do país até 1970, quando então um sistema de controle haverá de possibilitar a erradicação da moléstia entre nós. Quanto à malária, o plano original do governo era cobrir a área endêmica, onde 36 milhões de pessoas estão desprotegidas contra a doença, num trabalho que devia encerrar-se em 1970. Esse plano foi refeito, e o Ministério da Saúde vai fazer de 68 o ano de combate à malária no país, adiantando de dois anos os objetivos que só se esperava conseguir em 1970.

As outras metas prioritárias do Ministério são o mal de Chagas — que será combatido através da borrificação de inseticida nas casas rurais; a esquistossomose — com o incremento de projetos de purificação de águas de consumo e construção de fossas; e a interiorização da Medicina, com um plano de grandes proporções, que contará com a participação da União, dos Estados, dos Municípios, da Previdência Social e dos médicos particulares.